

## PERCURSO NA PRAÇA PORTUGAL: ANÁLISES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FLUXOS, DESENHO URBANO E VEGETAÇÃO

**Valécia Bessa de Oliveira**

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro  
valeciabessa.arqurb@gmail.com

**Germana de Lima Girão Andrade**

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro  
germana.andrade@professor.unifametro.edu.br

**Área Temática:** Teoria do Projeto, da Arquitetura e da Cidade

**Área de Conhecimento:** Ciências Tecnológicas

**Encontro Científico:** X Encontro de Iniciação à Pesquisa

### RESUMO

Com o crescimento contínuo das cidades e com o retorno do isolamento social vivenciado durante a pandemia de COVID-19, tem se ampliado a necessidade de produzir espaços livres que promovam qualidade de vida para seus habitantes. Nesse contexto, a Praça Portugal representa um espaço público significativo para a cidade de Fortaleza. Este trabalho busca analisar e refletir sobre os aspectos visuais desse ambiente, levando em consideração as relações entre fluxos, desenho urbano e vegetação a partir de um percurso efetuado a pé. Para tanto, utilizou-se a metodologia de visão serial por meio de fotografias, que corresponde a uma sequência de imagens capturadas na altura do olhar do observador. Além disso, realizou-se visitas in loco para observação do entorno. Desse modo, percebeu-se que algumas entradas da praça não coincidem com as faixas de pedestres e também que em um dos lados da praça, há um caminho estreito e com algumas barreiras. Ambas as situações podem acabar desencorajando os pedestres a percorrerem a praça pelo seu centro como também, deixar de vivenciar o espaço na totalidade, levando-os a não desfrutar da visão das paisagens desse lugar, geradas a partir da composição de seus elementos, como: as vegetações, o monumento e os diversos materiais. Assim, conclui-se que é essencial, ao se projetar áreas nas cidades, pensar nas correlações entre acessos, forma urbana e vegetação para promover espaços que realmente possam ser habitados pelas pessoas.

**Palavras-chave:** Acessibilidade; Visão Serial; Forma Urbana; Paisagismo; Biofilia.

### INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico e tecnológico amplia oportunidades em diversas áreas, aumentando assim a busca por morar em centros urbanos. Segundo o Relatório Mundial das Cidades de 2022, da 11ª sessão do Fórum Urbano Mundial da ONU-Habitat (Katowice, Polônia), estima-se que em 2050, 68% da população residirá em cidades. Dessa forma, elas se tornarão cada vez mais densas, sendo necessário pensar estratégias que propiciem maior qualidade no viver cidadão.

Um dos conceitos usados nas intervenções urbanas é o de biofilia. Conforme a teoria de Edward Wilson (1984), indica uma relação intrínseca entre a natureza e os seres

humanos, gerando sensações de bem-estar ao entrar em contato com ela. Assim, enfocando-se na temática vegetação, LAMAS (1993) a define como um dos elementos compositivos da imagem da cidade que capta a atenção visual das pessoas em um mesmo nível que os edifícios, contribuindo para o desenho urbano, organizando e delimitando espaços.

O mesmo autor ainda comenta sobre outros componentes como o traçado da rua que colabora na “mobilidade de bens, pessoas e ideias”, bem como tem “importância vital na orientação em uma cidade”. Acerca da praça, ele menciona que se trata de um “lugar intencional do encontro, da permanência, [...], de manifestações da vida urbana e comunitária”. Outro ponto importante considerado por ele é o monumento, expondo-o como “um facto urbano singular” que “desempenha um papel essencial no desenho urbano” e “caracteriza a área ou bairro e torna-se pólo estruturante da cidade”.

Nesse contexto, notou-se que depois da pandemia de COVID-19 (ocorrida entre os anos de 2019 e 2022) e do longo período em isolamento social decorrente dessa situação, as pessoas passaram a frequentar mais áreas abertas e vegetadas nas cidades, buscando momentos ao ar livre, contato com a natureza e interações sociais. Desse modo, ruas, calçadas e praças voltaram a produzir cenários de encontros e de percursos. E é nessa conjuntura que este trabalho busca analisar aspectos visuais e sensações em um caminho realizado na Praça Portugal a partir da perspectiva do pedestre, a fim de entender as relações entre os elementos compositivos de um projeto urbano e seus impactos na cidade.

## METODOLOGIA

A Praça Portugal foi escolhida como local de estudo, pelo fato de a autora se deslocar em seus arredores com frequência, sendo um ambiente com valores afetivos construídos através da regularidade de trajetos e das peculiaridades existentes. Portanto, como suporte da metodologia de análise, efetuou-se pesquisas bibliográficas e a principal obra trabalhada foi “Paisagem Urbana” do autor Gordon Cullen (1993) que exhibe modos de como se pode captar e analisar uma paisagem. Para este momento, utilizou-se apenas o que se refere ao sentido da visão.

Sendo assim, segundo o autor, visão serial pode ser definida como um percurso composto por uma sequência de imagens captadas ao nível dos olhos de um pedestre, compreendendo-se o espaço através delas. Nesse âmbito, destaca-se que as rotas a pé permitem às pessoas captarem melhor as informações e aproveitarem mais as paisagens. Isso ocorre devido à sua velocidade, que é mais lenta do que em outros meios de locomoção.

Dessa maneira, além de consultas a bibliografias, observou-se características do desenho da praça e de seu entorno a partir de visitas in loco e de imagens de satélite. O itinerário escolhido foi o sentido sul - norte, pois está na direção que leva à orla, zona importante da região, abrangendo a mobilidade de moradores e turistas. Ele foi explorado qualitativamente a partir de fotografias na altura do olhar do observador, utilizando-se do conceito de visão serial (Figura 1).



Figura 1 – Trajeto da visão serial em análise  
Fonte: Adaptado pela autora de Google Earth (2022).

O ponto 1, inicia-se na esquina do Shopping Aldeota na Av. Desembargador Moreira. Depois, segue-se no passeio, ao lado da faixa de pedestres (ponto 2). Já o 3 é no canteiro central depois de atravessar a faixa. O 4 é seguindo em frente, um pouco antes da praça, enquanto o 5, se localiza depois do desvio de um obstáculo, alinhado ao monumento central. O 6 se encontra adjacente ao início do monumento e o 7 no final dele. O 8 fica antes do canteiro de jardim, e o 9 na metade dele, vendo-se a faixa de pedestre e um outro monumento na mesma direção. Por fim, o 10 se institui na calçada, após perpassar a segunda faixa, seguindo na mesma avenida.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, observou-se o desenho da praça, que tem uma área central circular com quatro regiões triangulares que a circundam, formando um conjunto que se assemelha a um quadrado recortado pelas vias Av. Desembargador Moreira, Av. Dom Luís e pela rotatória, como pode ser visto na Figura 2 abaixo:

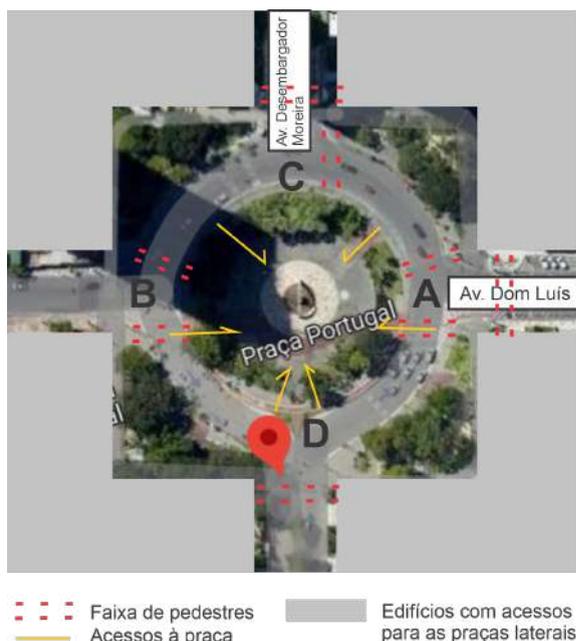


Figura 2 – Vista de cima da Praça Portugal  
Fonte: Adaptado pela autora de Google Maps (2022).

No núcleo, o traçado dos canteiros de vegetação e os acessos direcionam os fluxos da parte central para as quatro regiões e vice-versa, contendo também faixas de pedestres que fortalecem essa correlação. Concomitante a isso, há também outras faixas que ligam um lado ao outro de cada avenida, exceto do lado “B” da praça. Percebeu-se que a existência dessas passagens pode induzir as pessoas a cortarem caminhos, não passando pela parte central.

Ainda sobre o desenho urbano e a circulação local, constatou-se que algumas das faixas de pedestres estão alinhadas com os acessos para o centro (lados “A” e “B”), dando continuidade no caminhar e, outras não (lados “A”, “B” e “C”). Neste último, pode acabar não gerando atratividade visual para esta rota. Os dois casos são exemplificados abaixo:



Figuras 3 e 4 – À esquerda, acesso alinhado à faixa de pedestres e à direita não alinhado.  
Fonte: Adaptado pela autora de Google Street View (2022).

Ademais, outro fato notado foi a largura do canteiro central da Av. Desembargador Moreira, no lado “D” do espaço. Ele tem cerca de apenas sessenta centímetros e ainda comporta placas que desencorajam o percurso no sentido da praça (Figura 5). Apesar do alargamento de passeio anexo pintado na via, este não confere a sensação de um

deslocamento seguro para quem está a pé. Outro motivo que também dificulta essa rota é a presença de uma barreira no meio do acesso à praça, dividindo o fluxo em dois (ver Figura 6).



Figura 5 – Canteiro pequeno com faixas de alargamento de passeio  
 Fonte: Adaptado pela autora de Google Street View (2022).

Já em relação ao caminho da visão serial, retratou-se a imagem de cada ponto na Figura 6, como pré-definido na Figura 1. Explicitou-se, igualmente, as percepções aferidas do espaço central da Praça Portugal e as sensações vivenciadas ao longo do roteiro indicado.



Figura 6 – Trajeto visão serial na Praça Portugal  
 Fonte: Elaboração Própria.

No ponto 1, identificou-se adiante um maciço vegetal, sem ver precisamente do que se tratava. No ponto 2, notou-se parte do traçado circular do piso e o formato bem definido de uma árvore. Reconheceu-se os contornos de seu caule e de sua copa, o que gerou estímulos e curiosidade para o que viria à frente. No ponto 3, percebeu-se um conjunto de palmeiras chamadas de carnaúbas (*Copernicia prunifera*), planta nativa e símbolo do Ceará,

que está contida na bandeira do estado. Ainda no ponto 3, como já citado, o canteiro é estreito e também dispõe de placas de sinalização que atrapalham o caminhar nessa direção.

No ponto 4, há uma barreira que abriga uma vegetação e que também funciona como assento. Interpretou-se ela como um bloqueio de passagem, pois divide o fluxo em dois e impede a apreciação da obra a seguir. Já no ponto 5, contemplou-se o monumento ao centro integrado ao grupo de carnaúbas, conformando uma bela paisagem em meio aos edifícios próximos. No ponto 6, viu-se a escultura em perspectiva com seus detalhes vazados, recortando o cenário por detrás, assim como, notou-se melhor a diversidade de pisos e de vegetação utilizados ao redor daquela, reforçando a sua importância na praça.

No tocante ao ponto 7, reparou-se que parte do agrupamento de carnaúbas está alinhado ao canteiro no qual está inserida, transmitindo uma sensação boa de envolvimento pelo ambiente. Entretanto, no que diz respeito ao desenho da praça, não há uma rota direta que vá desse local ao ponto 10 (ver Figura 6). Todavia, continuou-se em linha reta, a fim de se chegar ao último ponto do percurso. A Figura 7 evidencia que essa travessia é algo comumente realizada no local, pois se percebe o desgaste na grama, criando um caminho.



Figura 7 – Caminho criado por pedestres  
Fonte: Elaboração Própria.



Figura 8 – Passeio estreito  
Fonte: Adaptado pela autora de Google Street View (2016).

Os pontos 8 e 9 referem-se à travessia pela grama, citada anteriormente (Figura 6 e 7). No 9, logo adiante, há uma faixa de pedestre que corrobora para esse cruzamento ser executado pela área vegetada. Contemplou-se à frente, um largo passeio e a presença de outro monumento que pode ser melhor visto no ponto 10.

Algo importante a mencionar, é que durante as pesquisas desenvolvidas, encontrou-se uma imagem de março de 2016 (no mesmo local do ponto 10) que mostra como a calçada era bem menor nessa época. Nessa parte da avenida, o fluxo prioritário era de veículos automotivos, e o passeio era dividido para a vegetação e os pedestres (ver Figura 8).

Posteriormente à reforma, alargou-se o espaço para estes, inclui-se ciclofaixa, instalou-se pórticos de concreto que além de orientar o caminhar, também direciona o olhar para a exuberante árvore da espécie castanhola (*Terminalia catappa*) que já se situava no local e que foi mantida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve investigação da Praça Portugal a partir de visitas in loco e estudo específico de um percurso pré-definido, demonstra a relevância de projetar espaços públicos que sejam atrativos visualmente. Isso pode ser feito com acessos indicados de forma clara, com espaços adequados para o caminhar e com vegetações que produzam sombra e embelezem o local, fomentando sensações de bem-estar e conduzindo pedestres e ciclistas não só a percorrer o ambiente, mas também a permanecerem um tempo parados usufruindo do local.

Ademais, percebeu-se que as localizações de acessos e de vegetações também compõem o desenho urbano, por isso é de extrema importância que sejam pensadas através de estudos de mobilidade, conhecendo-se os fluxos rotineiros dos usuários locais. Logo, as propostas de projetos urbano-paisagísticos poderão ser mais eficientes para quem os utiliza, dando oportunidades para que escolham passar, sentar e apreciar uma boa paisagem. Assim, esta pesquisa estimula futuras análises que buscarão compreender ainda mais sobre os temas de fluxos, de desenho urbano e de vegetação no contexto de espaços públicos abertos.

## REFERÊNCIAS

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

MARQUES, A. C. B. **Apropriar-se da Praça: Uma Disputa de Sentidos de Lugar**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2017.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **ONU-Habitat: população mundial será 68% urbana até 2050**. Disponível em:

<<https://brasil.un.org/pt-br/188520-onu-habitat-populacao-mundial-sera-68-urbana-ate-2050#:~:text=No%20ritmo%20atual%2C%20a%20estimativa,crescer%20para%2068%25%20at%C3%A9%202050>>. Acesso em 8 out. 2022.

PEIXOTO, I. T., DIÓGENES, B. H. N. **Cidade e Memória em disputa, a Praça Portugal como patrimônio histórico de Fortaleza**. 14º Seminário Docomomo Brasil. Belém, 2021.

WILSON, E. O. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.